

O conceito de família feliz nas crônicas de colunas femininas de Clarice Lispector

The concept of happy family in women's column chronicles of Clarice Lispector

Júlia Rodrigues Vieira

Mestranda em História

Universidade do Estado de Santa Catarina

hst.julia@icloud.com

Recebido em: 08/08/2014

Aprovado em: 26/05/2015

RESUMO: Este estudo analisa as colunas femininas publicadas pela escritora Clarice Lispector entre os anos de 1950 e 1961. O recorte temporal foi motivado pelas fontes documentais: os jornais cariocas “Comício”, “Correio da Manhã” e “Diário da Noite”. Nestes periódicos, Clarice Lispector assinou suas colunas com o artifício de pseudônimos, como Teresa Quadros, Helen Palmer e Ilka Soares – neste caso como *ghost writer* - cada uma das colunas se direcionavam para diferentes públicos femininos provenientes das camadas média e alta brasileira: mulheres intelectualizadas, mulheres casadas, moças que pretendiam casar. Estes escritos, analisados sob a perspectiva da análise do discurso, objetivavam introduzir e/ou reafirmar os valores e práticas da norma familiar burguesa para estas parcelas da população que se diferenciavam das outras classes sociais, moldando um exemplo de família a ser reproduzido no país.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa, Clarice Lispector, Família

ABSTRACT: This study examines women's columns published by the writer Clarice Lispector between the years of 1950 and 1961. The time frame was motivated by the documentary fonts: the Rio newspapers "Comício", "Correio da Manhã" and "Diário da Noite." In these journals, Clarice Lispector signed her columns with the artifice of pseudonyms, as Teresa Quadros, Helen Palmer and Ilka Soares - in this case as a ghost writer - each of the columns are directed to different audience women from middle and high classes from Brazil: intellectualized women, married women, women who wanted to get married. These writings, analyzed from the perspective of discourse analysis, aimed to introduce and / or reaffirm the values and practices of the bourgeois family norm for these population groups that were different from other social classes, framing a family example played in the country.

KEYWORDS: Press, Clarice Lispector, Family.

Introdução

O seguinte artigo se propõe a navegar no universo clariceano de jornalismo. Sua produção pode ser encontrada nos livros *Só para mulheres* e *Correio feminino*, compêndios com 473 microtextos no total, esses foram selecionadas a partir das colunas publicadas nos periódicos cariocas. Foram analisadas 61 desses microtextos para este artigo¹ com o objetivo de estudar a fundo a jornalista Clarice Lispector partindo do momento histórico que estas refratam², ou seja, o período compreendido entre os anos de 1950 e 1961, momento no qual o país vem guiado por J.K e sua política de metas e modernização.

A contribuição da autora em periódicos assume o novo papel de difundir ao público feminino discursos sobre práticas e normas sociais condizentes com o processo de mudança trazido pela modernização. No governo de Juscelino Kubitschek, o Brasil abre as portas para a industrialização e o consumismo começa a seduzir os brasileiros das camadas médias. Porém, segundo Anna Cristina Figueiredo³, não será apenas em função do consumo que as famílias vão querer adquirir estes bens; ao consumir as classes se distinguiriam entre si.

A modernização do país enunciou a abertura de possibilidades para as mulheres em setores de atividades considerados somente território masculino, porém alguns valores sociais se reforçaram no Brasil após a Segunda Guerra Mundial. Representações de mulheres como donas-de-casa e mães, homens viris e provedores da família e crianças brincalhonas e educadas.⁴ Estes valores atuam fortemente no país, vindo a enfraquecer somente com o discurso Feminista que toma vulto no país duas décadas mais tarde.⁵

Para tanto, nesse momento, o melhor meio para disseminar esses discursos era a mídia. Exemplos de como se comportar e do que era socialmente aceito e belo, poderiam ser difundidos a todas as classes sociais através dos meios midiáticos. Segundo Tânia de Luca⁶, a imprensa e as introduções de novos valores culturais não se dissociam em sua História. As mídias acompanham as inovações tecnológicas, durante a década de 1950 e se consolidam como um novo poder de caráter político.

¹ Nos livros onde as colunas estão publicadas apenas constam as datas de publicações. Em alguns casos, há colunas onde só cita-se o ano de publicação, sem data ou mês de publicação.

² Segundo o conceito de Mikhail M. Bakhtin.

³ FIGUEIREDO, Anna Cristina Camargo Moraes. *"Liberdade e uma calça velha, azul e desbotada": publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil, (1954 - 1964)*. São Paulo: Hucitec: História Social-USP, 1998.

⁴ DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011. 303p.

⁵ ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. 4.ed. -. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1984. 77p.

⁶ LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. MARTINS, Ana Luiza.; DE LUCA, Tania R. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. 303p.

Um discurso midiático que segundo as ideias de Michel Foucault pode ser visto não como:

[...] uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. [...] não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse mais, que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever.⁷

Desse modo, para o autor francês, tudo está mergulhado em interligações de poder e conhecimento, que se acenam reciprocamente, ou seja, os discursos estabelecem práticas sociais, ligadas às relações de domínio, que as pensam e as atualizam.

A configuração da família que se edificava na sociedade brasileira era de propor uma construção social de poder presente nos vários discursos da época, o Código Civil de 1916 já indicava as possibilidades de papéis de homens e mulheres. Mary Del Priore explica:

Nele, a mulher era considerada altamente incapaz para exercer certos atos e se mantinha em posição de dependência e inferioridade perante o marido. [...] Ao marido, cabia representar a família, administrar os bens comuns e aqueles trazidos pela esposa e fixar o domicílio do casal.⁸

O discurso jurídico já indicava as relações de poder e domínio dentro do espaço privado, estabelecendo quais as funções do cônjuge dentro do relacionamento matrimonial. E esse mesmo Código ainda determinava mais comportamentos admissíveis nos casamentos, e Priore continua ao “estender aos “cônjuges” a responsabilidade da família, nem trabalhar a mulher podia sem permissão do marido. [...] A ela cabia a identidade doméstica; a ele, a pública”.⁹ Resignada a espaço privado, a mulher se dedicava ao lar e a maternidade.

A imprensa alimentava as afirmações do meio jurídico divulgando o comportamento social adequado. Deste modo, através das colunas é possível conhecer o discurso que adere a nova classe média deste período. Como bem lembra Joan Scott¹⁰, as relações entre sexos são

⁷ FOUCAULT, Michel; Luiz Felipe Baeta Neves. *A arqueologia do saber*. 6ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p.56

⁸ DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*, p.246

⁹ _____. *História do amor no Brasil*, p. 246.

¹⁰ SCOTT, Joan W. *Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise História*. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990.

construídas socialmente, porém, mesmo sendo ligadas entre si devem ter análises distintas. A autora ainda afirma que:

O núcleo essencial da definição repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e mais, o gênero é uma forma primeira de dar significado às relações de poder.¹¹

Lígia Albuquerque de Melo¹² lembra que o estudo sobre gênero demanda dar espaço à busca de sentido do comportamento de homens e mulheres como seres socialmente sexuados. Esta reflexão nos mostra que devemos abranger tanto o universo feminino quanto o masculino, sempre tendo em vista a perspectiva de Gênero, que transcende as relações assimétricas entre homem e mulher, masculino e feminino, pois envolvem questões sociais, políticas, econômicas, ideológicas, discursivas, históricas e culturais.

Entende-se desse modo que, para um melhor entendimento da análise do discurso que norteia esta escrita da História entre o universo masculino e feminino, deve-se primeiramente apreender e identificar homens e mulheres como sujeitos concretos inseridos dentro de um determinado contexto. Assim, cabe aqui explicitar o que compreendemos por análise do discurso, parafraseando Michel Foucault¹³ que discorre que o discurso não deve ser entendido apenas como um conjunto de signos portadores de uma verdade, mas também é preciso conhecer sua historicidade e as relações de poder que o constituíram. Tendo em vista esta premissa, Foucault, realiza um questionamento: “O que há de tão perigoso nas pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente?”¹⁴ Na obra “A Ordem do Discurso” o autor apresenta seus argumentos na resposta da indagação:

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso — como a psicanálise nos mostrou — não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que — isto a história não nos cessa de ensinar — o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.¹⁵

¹¹ SCOTT, Joan W. *Preface a gender and politics of history*. Cadernos Pagu, n.º. 3, Campinas/SP 1994, 1994. p.13

¹² MELO, Lígia Albuquerque de. *Gênero: da omissão à invisibilidade*. In: XII ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DE POPULACIONAIS, 2000, São Paulo

¹³ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 17. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

¹⁴ _____ . *A ordem do discurso*, p.8

¹⁵ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*, p.10.

O discurso, para o referido autor, é ainda acompanhado por um “ritual” de qualificação onde um conjunto de enunciados engendra os sujeitos. Em “*A Ordem do Discurso*”, Foucault discorre sobre enunciados ao tratar da emergência dos saberes disciplinares a partir do século XVIII no mundo ocidental. Os enunciados configuram/delimitam os saberes disciplinares, sendo que uma proposição construída fora de determinada ordem discursiva prevalecente, por exemplo, será considerada credence popular ou senso comum.¹⁶

Não obstante, outro ponto chama a atenção no tema de estudo foi à utilização de pseudônimos e de assumir-se como *ghost writer*. Teresa Quadros, Helen Palmer e Ilka Soares – neste último como *ghost writer*, possibilitam que Clarice se apresente com outras falas. Ao organizar os artigos de maneira cronológica, transformaram-se em um manual de “boas condutas” para as mulheres donas de casa.

Além desses jornais, muitos impressos publicavam estes mesmos “manuais” de boas condutas femininas, o que demonstra uma aplicação massiva de discursos voltados para a construção de uma ordem social familiar. Como ressalta Foucault:

[...] suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seus acontecimentos aleatórios, esquivar sua pesada e temível materialidade.¹⁷

Através da escrita jornalística de Clarice Lispector poderemos perceber os discursos que permeiam as mulheres no seio da família nuclear burguesa na metade do século XX e sua aceitação ou não por parte delas numa sociedade extremamente patriarcal e elitista.

A imprensa e os pseudônimos de Clarice

Para superar a Clarice Lispector escritora, fui conhecê-la e redesenhá-la em sua biografia.

Assim, um dos principais desafios dos biógrafos na atualidade é capturar os personagens enfocados a partir de diferentes ângulos, construindo-os não de uma maneira coerente e estável, mas levando em conta suas hesitações, incertezas, incoerências, transformações. Isso implica também o abandono da linearidade cronológica, a que obriga os historiadores a lidarem com diferentes temporalidades: tempo “contextual” (o panorama político, econômico, cultural), tempo familiar, tempo interior, tempo da memória, etc.¹⁸

¹⁶ _____ . *A ordem do discurso*, 79 p.

¹⁷ _____ . *A ordem do discurso*, p.7-8.

¹⁸ SCHMIDT, Benito Bisso. *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: Ed. da UNISC, 2000. p.199.

A biografia que Benjamin Moser¹⁹ escreve de Clarice possibilita que a vejamos para além da literatura, a inserindo em diferentes aspectos cotidianos. Esta não foi a primeira biografia publicada sobre a escritora, em um mesmo momento de lançamento do título de Moser, era publicado também uma fotobiografia, pesquisa realizada pela historiadora Nádia Battella Gotlib. Tal historiadora publica uma biografia de Clarice nos anos de 1990: *Clarice, uma vida que se conta*, obra que Moser se baseia para realizar seus estudos.

Considerando o momento das publicações, anos 2000, ative-me apenas a biografia de Moser, escolhendo não trabalhar com imagens, voltando-me a narrativa do historiador, priorizando a utilização de fontes documentais mais recentes. Nesse sentido entendo também o que Schmidt coloca em relação à construção do personagem na biografia.

[...] deve-se dar-se conta de que a biografia é sempre uma construção possível, entre tantas outras, a respeito de um personagem, e nunca “o” retrato definitivo. Neste sentido, precisa renunciar à busca de uma essência social ou psicológica que explique a trajetória examinada, para levar em conta as mudanças de rota, os percalços, os acasos, os possíveis de cada existência.²⁰

Ao trabalhar a vida de Clarice, Moser²¹ embrenha-se em uma vasta pesquisa para apontar o maior número de encontros e desencontros da vida de Clarice, completando ao máximo sua personalidade e a significando, não em sua essência, mas apontando fatos de sua vida.

[...] uma vida não pode ser compreendida unicamente através de seus desvios ou singularidades, mas, ao contrário, mostrando-se que cada desvio aparente em relação às normas ocorre em um contexto histórico que o justifica.²²

Desde os oito anos (quando sua mãe sofreu um atentado)²³, Elisa, a irmã mais velha, tornou-se dona de casa. Já no Rio de Janeiro, Clarice ingressa na faculdade de Direito onde conheceria seu futuro marido, Maury Valente Gurgel.

Em 1940, Clarice começou seu envolvimento com a imprensa, publicando um conto na revista “Pan” e na revista “Vamos Ler”. Além disso, trabalha na Agência Nacional como repórter e entrevistadora era a única mulher naquela redação e uma das poucas mulheres jornalistas no país, durante este período.

No ano seguinte, Clarice começa um romance com Maury Valente Gurgel, seu futuro marido. Devido ao emprego do marido, diplomata, Clarice vai lutar para conseguir a

¹⁹ MOSER, Benjamin. *Clarice, uma biografia*. São Paulo: Cosac Naify, 2009, 647p.

²⁰ SCHMIDT, Benito Bisso. *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. 2000. p.201,

²¹ MOSER, Benjamin. *Clarice, uma biografia*. São Paulo: Cosac Naify, 2009, 647p.

²² LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. p. 176.

²³ Enquanto sua família fugia dos *pogroms* – atos de violência antissemita ou contra qualquer minoria europeia realizada pelos russos –, a mãe de Clarice foi estuprada e contraiu sífilis.

nacionalidade brasileira, só obtida dois anos depois, quando se casou. A questão da nacionalidade de Clarice permanece em discussão no Itamaraty, onde era a segunda esposa judia de um diplomata brasileiro, gerando estranhamento. Os cariocas tinham um forte preconceito em relação aos judeus por função de seus negócios na cidade durante os primeiros anos do século XX: ligados à prostituição ou profissões ilegais.

O primeiro sucesso vem em 1943, quando estreia como escritora com o livro “Perto do Coração Selvagem”, a Clarice jornalista precedeu a Clarice escritora. A maternidade vem em 1948, nascendo Pedro, que mais tarde, foi diagnosticado com esquizofrenia.

Apesar das últimas críticas, em 1951, quando retorna ao país, o colega Rubem Braga irá lhe propor participar em um jornal que estava para lançar, o “Comício”. Clarice assumiria a coluna feminina enquanto estivesse no Brasil. Motivada a adotar um pseudônimo²⁴, a escolha do nome foi responsabilidade do próprio Rubem Braga. Só deixará de assumir pseudônimos em 1968, quando assina uma coluna em jornal pela primeira vez com seu nome legítimo.

Além das preocupações com sua literatura, Clarice também se preocupava por tratar-se de uma coluna feminina. Devido ao lugar ocupado pelas mulheres na sociedade este fato também lhe provocava insegurança.

[...] “Desconfio de que a coluna ia descambar para assuntos estritamente fúteis femininos, na extensão em que feminino é igualmente tomado pelos homens e mesma pelas próprias mulheres: como se uma mulher fizesse parte de uma comunidade fechada, à parte, e de certo modo segregada”, ela escreveu mais tarde.²⁵

Clarice temia as impressões dos escritos para mulheres, pelas considerações de assuntos desimportantes, consciente da subversão de gênero que a sociedade pregava. Por isso, não queria associar-se a essas representações sociais. Contudo, a autora seria uma figura ideal para desempenhar o papel de conselheira. Casada já há mais de 5 anos, acompanhando o marido onde quer que fosse enviado a trabalhar e convivendo com importantes líderes políticos, considerando o meio social diplomático, Clarice correspondia como um exemplo de boa esposa, conseqüentemente, uma boa conselheira a solteiras, noivas ou recém-casadas.

Devido à diagramação o jornal tornava instável o “laço” da coluna com as leitoras, Nunes explica que “O fato da coluna não ser publicada sempre na mesma página afrouxava um pouco a

²⁴ A motivação para a adoção de um pseudônimo é explicada entre os autores que abordam a sua atividade como jornalista e seu último biógrafo, todos são unânimes em afirmar que a adoção esta associada à reputação que uma mulher de diplomata deveria ter.

²⁵ NUNES, Aparecida Maria. Clarice Jornalista: páginas femininas e outras páginas. 2006. p.137 *apud* MOSER, Benjamin. *Clarice, uma biografia*, p.291-292.

cumplicidade Teresa Quadros e suas leitoras. É como se o encontro marcado nunca acontecesse no mesmo lugar.”²⁶

Em 1959, desquitou-se e retorna ao Brasil. Mesmo com o emprego em revista e com o auxílio financeiro fornecido pelo ex-marido, fixar-se no Brasil foi um processo penoso. Além de toda a questão financeira, havia também as questões sociais pelo desquite, deveria dedicar-se apenas aos cuidados com os filhos.

Clarice aceita mais um trabalho em jornal para complementar renda. Agora era contratada pelo jornal; “Correio da Manhã”. Contudo, havia uma peculiaridade, não seria o jornal quem requisitava sua presença, mas sim a marca “Pond’s” - fabricante de cremes faciais. Como Helen Palmer (o pseudônimo escolhido para tal periódico), deveria mais do que dispor conselhos, teria que divulgar a marca e realizar uma sutil propaganda do produto e estimulando o consumo.

Já mais experiente, Clarice possuía imagem melhor de seu público alvo, e vai assim descrevê-la:

Ela estuda, ela é moderna e interessante sem perder seus atributos de mulher, de esposa e de mãe. [...] conhece alguma coisa mais além de seu tricô, dos seus quitutes e dos seus “bate papos” com vizinhas. [...]

Ser *moderna* era uma coisa, mas Clarice e Helen não tinham paciência com uma mulher que “fuma como um homem, em público, cruza as pernas com uma desenvoltura chocante, solta gargalhadas escandalosas, bebe com exagero, usa gíria de mau gosto, palavreado grosseiro, quando não se desmoraliza repetindo palavrões” A nova mulher de Clarice, era antes de tudo, uma dama.²⁷

O jeito moderno de Helen Palmer fazia com que Clarice Lispector se tornasse mais íntima dela e conseqüentemente, suas leitoras também o seriam. Através de seu vocabulário produzia um diálogo que as conquistava.

Por fim, chega a trabalhar no “Diário da Noite” jornal mais vendido pela tarde. Aqui o convite era para trabalhar assumindo uma coluna como *ghost writer* da jovem atriz, Ilka Soares. Apesar disso, mesmo conversando com Ilka Soares pessoalmente, as duas não desenvolveram uma amizade. Em uma entrevista à Wagner de Assis²⁸, Ilka Soares afirmou que levava alguns recortes para que Clarice olhasse, mas que não havia intimidade entre elas. Para o biógrafo de Clarice:

“O que você talvez não saiba é que uma atriz também procura se inspirar nas mulheres que lhe agradam”, escreveu “Ilka”. “Nunca me afastei da pessoa que você é. Procuo adivinhar por que você gostaria de ouvir como canção, que

²⁶ MOSER, Benjamin. *Clarice, uma biografia*, p.121.

²⁷ MOSER, Benjamin. *Clarice, uma biografia*, p. 354.

²⁸ ASSIS, Wagner de. *Ilka Soares: a bela da tela*. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Cultura – Fundação Padre Anchieta, 2005, 264 p.

sentimentos gostaria que eu exprimisse, que modelo você imaginou em linhas gerais para o seu novo vestido.” A julgar pelos tipos de coisa que Clarice achava que “você” apreciava, “você” não tinha sido atingida pelo feminismo.²⁹

Além disso, na mesma entrevista citada, Ilka Soares comenta que viu Clarice apenas duas vezes. Clarice, a partir deste pouco contato, presumiu quem era Ilka Soares e tratou de retratá-la a sua maneira. O fazer da coluna foi um grande sucesso, de acordo com Dines, colega de trabalho, era responsabilidade da própria Clarice, que se dedicava na composição de sua coluna e no estudo em revistas estrangeiras para buscar imagens para melhor arranjar suas páginas.

[...] Clarice Lispector já trazia pronta, com fotos que recortava de revistas americanas. “Tudo coladinho”. A perfeição era tal ordem que nem mesmo os editores se preocupavam em revisar. Apenas o diagramador dava os toques finais, seguindo o esquema já preparado. [...]
Clarice nunca atrasava nem deixava de entregar a página. Quando seu material chegava à redação, imediatamente era encaminhado à oficina. A confiança era total [...].³⁰

Por tratarem de temas comuns algumas colunas chegavam a se reaproveitadas de um jornal para o outro, ou também simplesmente escritas de duas maneiras diferentes para constar nos dois jornais – já que escrevia simultaneamente para o “Correio da Manhã” e o “Diário da Noite”. Acompanhando suas colunas é possível ver a experiência de Clarice ao escrever para os jornais. Sua linguagem fica mais íntima, acerta mais o tema das colunas, adequando cada vez mais a seu público. Observo como um processo de autoconhecimento da autora; Quando começa a trabalhar como Helen Palmer, já estava no processo de seu desquite, sendo sua necessidade a afirmação como dama bem comportada, indo ao encontro de padrões sociais, mas também possibilitando as mulheres que se tornassem modernas, poderiam trabalhar e cuidar dos filhos sem se preocuparem com seu estado civil.

Ser desquitada, em 1959, não era tarefa fácil, pois era necessário lidar com a opinião dos vizinhos e conhecidos. Mary Del Priore³¹, afirma que, mesmo tendo aumentado o número de divórcios no Brasil, entre os anos de 1940 e 1960, a imagem das mulheres pouco se alterara. Já quando escreve como Ilka Soares, sabia da necessidade de alguns conselhos práticos para o cotidiano das leitoras.

Para analisar os escritos, preoquepei-me em perceber as experiências de Clarice:

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é

²⁹ MOSER, Benjamin. *Clarice, uma biografia*, p. 356.

³⁰ NUNES, Aparecida Maria. *Clarice Jornalista*, p.248-249.

³¹ DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*, 303p.

quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações.³²

Por isso entendo que não se trata apenas de falar de Clarice como uma jornalista que assumia pseudônimos para publicar em jornais. Também era um sujeito de seu tempo, vivendo as cobranças de comportamento e conduta. Esse paralelo entre vida e trabalho contribuiu para uma compreensão mais completa, por mais que a narrativa biográfica possua limites com o texto histórico o que concorda com Rosenthal:

Essa disputa de prioridades entre “texto” e “vida” já existe desde os primórdios das pesquisas biográficas. Isso resultou de uma noção por demais simples e enganosa da realidade social como se ela fosse independente da experiência e da estruturação simbólica, implicando a busca unilateral de uma realidade à qual supostamente o texto se refere; a função auxiliar do texto desvaloriza a realidade deste como textura social primordial. Deixamos de aproveitar o texto ou a história de vida como realidade em si mesma, quando essa é a única coisa em que deveríamos estar interessados como cientistas sociais.³³

Antes de suas colunas, a sua vida, suas percepções sobre a sociedade – que se baseiam em suas experiências pessoais –, importam para analisar melhor o que escrevia e porque escrevia tais afirmações. Depois da narrativa de parte da vida de Clarice, torna-se importante saber quais eram as características da imprensa brasileira do período.

Dos bondes as livrarias: a imprensa brasileira na década de 1950

A imprensa passou por drásticas transformações ao longo dos anos de 1950. Vinha de um mercado pequeno, em função do baixo número de letrados no país, de manutenção desgastante e muito cara. Uma eficiente tecnologia era preciso para que os meios de comunicação se fortalecessem no cotidiano e que a imprensa pudesse acompanhar as dinâmicas novas pelos quais a sociedade vinha passando. As mudanças foram desde a gerência até a tiragem, adequando-se ao modelo norte-americano.

O ideal deste modelo era a objetividade do jornalismo. Por isso, a imprensa começa a se desvincular do meio literário e do meio político. Porém, as mudanças não significaram eliminação de espaços opinativos.

A afirmação da hegemonia da informação objetiva não significou a eliminação do espaço opinativo, literário ou mesmo ficcional no interior dos jornais. *Ao contrário, os lugares dedicados a esses gêneros discursivos foram revalorizados. As crônicas e*

³² BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*, p.189-190.

³³ ROSENTHAL, Gabriele. A estrutura e a gestalt das autobiografias e suas consequências metodológicas. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. p. 193-194.

as colunas assinadas, por exemplo, receberam grande impulso, conformando-se definitivamente como gêneros jornalísticos [grifo meu].³⁴

O Brasil, mesmo importando estas propostas, readaptou-as ao que já era realizado no país e o exemplo são as crônicas e os romances que continuaram a ser publicados.

[...] A imprensa dos Estados Unidos serviu como um modelo, um referencial, para o Brasil, mas esta – apesar das reformas – continuou por uma lógica diferente daquela. [...] Em certa medida, funcionaram como um alibi, como um mecanismo para legitimar – num novo contexto – o exercício de velhas práticas.³⁵

Ao importar valores, o jornalismo ainda patinava com as incertezas do que fazer com todas as medidas tomadas para se transformar em um trabalho regulamentado. Inaugurava um momento de incerteza para quem trabalhava com imprensa.

Os jornais produziam manchetes em função do comportamento de seus donos, um exemplo é de Assis Chateaubriand. No livro *História da Imprensa no Brasil*, Ana Maria Martins e Tânia de Luca³⁶, narram como o empresário conquistava patrocinadores comprando produtos e os analisando quimicamente para garantir que os mesmos não faziam mal, os donos também se envolviam em escândalos relativos aos pedidos de aumento de salário de seus funcionários. Essas notícias afastavam os intelectuais do ingresso no jornalismo.

Os textos também se modificam ganhando um importante atrativo com a junção de figuras. No caso de Clarice, uma de suas marcas, como já foi dito, era sua preocupação com as figuras que acompanhariam suas colunas. Devido a tantas mudanças, a editoração deveria ser criteriosa para garantir o sucesso da coluna. Tantas especificações passam a exigir uma formação específica, a Faculdade Cásper Libério inaugura o primeiro curso de jornalismo no final de 1940.

Com as mudanças de mercado, mesmo com o aumento do número periódicos no Rio de Janeiro, foram apenas três que se destacam e monopolizam o meio. Até o final dos anos 1970, os três jornais trabalhados aqui sucumbirão à disputa do mercado, todavia o fator que mais alterou a dinâmica é o crescente número de leitores.

Ao longo dos anos de 1950 e 1960, a imprensa sofreu um sério abalo com a chegada da televisão, a publicidade que antes sustentava o meio impresso, se voltava à televisão. A forte

³⁴ RIBEIRO, Ana Paula G. *Modernização e Concentração: A Imprensa carioca nos anos 1950 – 1970*. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 427.

³⁵ RIBEIRO, Ana Paula G. *Modernização e Concentração*, p. 434-435.

³⁶ MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania R. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, 303p.

influência política foi um dos meios para manter as publicações impressas, os governantes da federação negociavam, politicamente, apoio e propaganda política.

A publicidade foi um fator importante para o financiamento dos jornais, se tornando únicos responsáveis por manter os impressos ainda no mercado.

Do ponto de vista econômico, o processo de concentração empresarial decorreu de uma aguda crise por que passou a imprensa devido a um conjunto de fatores (alguns macroestruturais, outros conjunturais), como a queda do volume de publicidade, o desenvolvimento da televisão e os problemas com o preço do papel de jornal.³⁷

O jornalismo impresso parou de disputar as campanhas publicitárias com a televisão no Brasil quando este veículo afirmou-se no cotidiano da sociedade. Após o mercado da televisão construído, a publicidade volta aos jornais, agora a emissora de televisão e os jornais estabeleciam laços, garantindo um mesmo público.

Refletindo sobre as colunas femininas nos jornais e como elas reproduziam padrões sociais, percebeu-se que os periódicos não as consideravam importantes na publicação. Suas publicações possivelmente seriam, para mantê-las nesta situação social de alienação e pelo não tinham muito interesse em torna-las mercado. Um pouco mais tarde, alguns editores perceberam a possibilidade de mercado e neste processo vemos o surgimento de revistas como *Cláudia*.

Toda essa “indústria” era movida, sobretudo pelo trabalho de homens. Casos como de Clarice são exceções; até mesmo em revistas femininas, muitos dos redatores eram homens, que indicavam como as suas leitoras deveriam se comportar.

Esse tipo de jornalismo deveria, supostamente, ser uma voz autorizada nos temas considerados femininos. Independente da camada social, essas colunas deveriam circular para que padrões sociais de comportamento fossem mantidos, essencialmente pelas mulheres. Ao discutir um pouco sobre a imprensa conselheira, Mary Del Priore³⁸, em seu livro “História do Amor no Brasil”, desvenda o que essas colunas significavam. Não se trata de uma lição para a família, mas para as mulheres da família. Por mais que abordassem as práticas masculinas e dos filhos, era responsabilidade das mulheres cuidarem dessas pessoas. Ao cuidar do homem e fazê-lo feliz, a mulher teria uma família feliz. Era preocupando-se com os filhos e, conseqüentemente, educando-os que as mulheres atingiriam a satisfação de sua natureza, ou seja, de serem boas mães. Nessas colunas a mulher era esquecida em meio às coisas da casa, do marido e dos filhos.

³⁷ RIBEIRO, Ana Paula G. *Modernização e Concentração*, p. 431.

³⁸ DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*, 303p.

As famílias de Teresa, Helen e Ilka

Para compreender que família buscava-se ser retratada nas colunas, é preciso compreender, o contexto brasileiro do período. Em estudos sobre a temática da família, de acordo com Eni Samara³⁹ é necessário estar atento ao período, local, classe social, além de outros fatores para se compreender sobre qual configuração estamos abordando, pois esta não foi única em todo o país. Para analisar as famílias para quem Clarice Lispector escrevia, atento-me a situação econômica do país, que tipo de público era alvo dos jornais e que famílias estava sendo construídas. Para compreender os temas que a autora abordou nos jornais é necessário conhecer parte do que se passava nos anos de 1950.

Nesta década o Brasil passava por transformações políticas e sociais. O governo mudava sua política econômica, era preciso que o país conseguisse visualizar outras opções que não somente a agrícola. De acordo com Faro e Silva⁴⁰, as situações das empresas nacionais não eram das melhores, gerando problemas de ordem econômica. Em consequência desta situação, o Estado ver-se-á obrigado a intervir na economia para que o país não quebre.

Este plano de mudanças criado pelo governo visava à caminhada para a autossuficiência nacional, como afirmou Faro e Silva.⁴¹ A preocupação era em construir um país que possibilitasse crescer sozinho e ser inserido no cenário internacional graças a suas próprias vantagens e situação financeira. Com objetivo de alcançar essa independência econômica o Brasil voltou seu olhar para os setores de energia, alimentação, etc.

Quem presidia o Brasil e encabeçou toda esta nova forma de pensar o país era Getúlio Vargas. A eleição do novo presidente, Juscelino Kubitschek⁴², não significou a mudança da forma de governo de Getúlio. De acordo com Ângela de Castro Gomes⁴³, houve a interpretação de que JK seria um herdeiro do Governo Vargas, em função das representações sociais que rodavam em torno de sua figura, desde o local de nascimento, até da imagem junto dos trabalhadores.

O novo governante brasileiro obteve sucesso com sua proposta econômica e política: o “Plano de Metas”. Consistia em distribuir cinquenta metas para diferentes setores do país; Segundo Faro e Silva⁴⁴, o principal objetivo do plano era de que os setores se industrializassem de

³⁹ SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004, 89p.

⁴⁰ FARO, Clovis de; SILVA, Salomão L. Quadros da. A década de 1950 e o Programa de Metas. In: GOMES, Ângela Maria de Castro; FARO, Clóvis de. *O Brasil de JK*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2002 p.67-105.

⁴¹ _____ . *A década de 1950 e o Programa de Metas*, p.67-105.

⁴² Ao longo do texto farei referência ao ex-presidente Juscelino Kubitschek como JK.

⁴³ GOMES, Ângela Maria de Castro. *Qual a cor dos anos dourados?* In: GOMES, Ângela Maria de Castro; FARO, Clóvis de. *O Brasil de JK*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2002. p.9-20.

⁴⁴ FARO, Clovis de; SILVA, Salomão L. Quadros da. *A década de 1950 e o Programa de Metas*, p.67-105.

maneira autossuficiente, que pudessem acompanhar as mudanças ocorridas no estrangeiro em relação a equipamentos e modos de produção, para que assim o país encaminhasse a sua independência.

Apesar da satisfação popular o alto financiamento para dar suporte ao crescimento nacional gerou uma alta dívida aos cofres públicos da União.

Na década de 50, alguns imaginavam até que estaríamos assistindo ao nascimento de uma nova civilização nos trópicos, que combinava a incorporação das conquistas materiais do capitalismo com a persistência dos traços de caráter que nos singularizavam como povo: a cordialidade, a criatividade, a tolerância.⁴⁵

As transformações econômicas, políticas e sociais caminhavam concomitantemente com as novidades tecnológicas e com as promessas oferecidas pelo modelo capitalista. Novas indústrias incentivavam os brasileiros a entrar de vez no ciclo capitalista: trabalho, emprego e compras. Ao longo do período, o consumo de bens materiais foi ressignificado. Durante o descanso do trabalhador ele devia comprar e, assim, relaxar. Desta forma consolidava-se a lógica de que para haver descanso era necessário trabalho e salário que pudessem comprar itens que garantissem o repouso.

A economia do governo de JK irá impulsionar o mercado brasileiro a ponto de o Brasil alcançar padrões de produção e consumo de países desenvolvidos.⁴⁶ Toda essa produção permite uma melhor organização do Estado brasileiro, que ao longo do Governo JK começou a estabelecer sua malha rodoviária e seu parque industrial. Equipando-se desta forma, não poderia deixar de chegar para o lar dos brasileiros os itens domésticos. A televisão chega a cores, o fogão vai mudar a alimentação, o ferro a apresentação pessoal, o chuveiro a higiene, e etc. Todos esses equipamentos mudam por completo o cotidiano da população que, aos poucos, passa a elaborar novos valores.

A cada produto inédito que chegava ao país, abria-se a porta da mudança; Com a alteração que o lar sofria, novos hábitos para as famílias eram construídos. Na limpeza do ambiente, por exemplo, será uma exigência que a casa esteja limpa, independente das condições financeiras da família. Esses mesmos valores higienistas se transferem às próprias pessoas que também serão convencidas das necessidades de vários itens que as auxiliem a se tornarem mais

⁴⁵ MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: NOVAIS, Fernando A.; SCHWARCZ, Lília Moritz. *História da vida privada no Brasil, 4: Contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.560.

⁴⁶ _____ . *Capitalismo tardio e sociabilidade moderna*, p. 559-658.

asseadas e saudáveis. Além da mudança com os cuidados do corpo, por motivos de saúde, havia também os cuidados associados à beleza e vaidade.

Essas mudanças significam uma transformação nas representações sociais sobre cada sexo; já não se trata mais de tipos dicotômicos. O novo mercado abre portas para todos os tipos de consumidores, inclusive as crianças.

Neste processo, alguns profissionais de diferentes áreas (saúde, arquitetura, pedagogia, etc.) adquirem respeito na sociedade a ponto de conquistarem liberdade de prescrevem o que era considerado certo ou errado. Entre estes, destacam-se os médicos e psicólogos, que passam a decidir o que as famílias devem fazer ou não em muitas situações.

[...] o médico, o primeiro da lista, exprime a importância crucial da família. Era ele quem cuidava da saúde do corpo, portanto da manutenção da vida. Mas não só: exercia o papel de conselheiro conjugal, de confidente do casal, especialmente da mulher, de orientador da educação dos filhos [...].⁴⁷

Clarice, como *ghost writer* de Ilka Soares traduz como a família dava espaço e conferia respeito à máxima autoridade do médico, que planejava a melhor maneira de prosseguir o comportamento.

Uma conversa franca para quem tem filhos gêmeos⁴⁸
Filhos gêmeos não devem ser tratados como uma só criança dividida em duas. É necessário procurar manter a personalidade de cada um. Uma boa norma é vesti-los de modo diferente, deixá-los escolher amigos diferentes.

[...]
Em caso de doença ou suspeita de doença, chame o médico. Lembre-se de que, por melhor que seja a sua vizinha, ela não está autorizada por nenhum conhecimento científico especial, a receitar...O remédio que fez bem ao filho de sua amiga pode fazer mal ao seu [grifo meu].
O esporte faz bem, física e moralmente. Além de desenvolver harmoniosamente o corpo, ensina a criança a cooperar, a exteriorizar-se, a dominar seus impulsos agressivos [...].⁴⁹

Vê-se o incentivo à entrada do médico na casa de suas leitoras não sendo mais da competência da vizinha palpar na saúde dos outros ou da avó ajudar seus netos. É dever de a mãe levar os filhos ao médico porque esse sim saberá o que fazer. Este profissional seria capacitado a cuidar dos habitantes do lar e deveria ser dotado de toda a autoridade que o discurso da Ciência proporcionava, antes mesmo de chegar à casa de seus pacientes. Desta forma, ao afirmar a incapacidade de próximos em traçar diagnóstico, a autora contribui a valorizações dos valores médicos, mas a autora cai em contradição. Ao mesmo tempo em que estimula as leitoras a

⁴⁷ MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. *Capitalismo tardio e sociabilidade moderna*, p.588.

⁴⁸ A coluna não possuía título no original. Foi publicada na seção Nossa Conversa do livro *Só para mulheres* onde a coluna foi nomeada.

⁴⁹ CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 1960.

buscarem conhecimentos científicos, apresenta indicações de boas atividades aos filhos das leitoras, desautoriza as vozes populares, readequando as leitoras a conhecerem as novas vozes autorizadas.

Diante dessas novas práticas e tecnologias, as mulheres poderiam se sentir inseguras e perdidas, era preciso uma conselheira. Dessa maneira, desejando amparar essas mulheres os jornais Comício, Diário da Noite e Correio da Manhã dão espaço aos pseudônimos de Clarice Lispector: Tereza Quadros, Helen Palmer e Ilka Soares.

Cada pseudônimo que Clarice utilizou foi reservado para um determinado tipo de mulher. Sob o pseudônimo de Teresa Quadros Clarice escrevia para mulheres que tinham tempo de lerem e estudarem. Eis um exemplo:

A irmã de Shakespeare

Uma escritora inglesa – Virginia Woolf – querendo provar que mulher nenhuma, na época de Shakespeare, poderia ter escrito as peças de Shakespeare, inventou, para este último, uma irmã que se chamaria Judith. Judith teria o mesmo gênio que seu irmãozinho William, a mesma vocação. Na verdade, seria um outro Shakespeare, só que, por *gentil fatalidade da natureza* [grifo meu], usaria saias.

Antes, em poucas palavras, V. Woolf descreveu a vida do próprio Shakespeare: [...]

E Judith? Bem, Judith não seria mandada para a escola. E ninguém lê em latim sem ao menos saber as declinações. Às vezes, como tinha tanto desejo de aprender, pegava nos livros do irmão. Os pais interviam: mandavam-na cercar meias ou vigiar o assado. *Não por maldade: adoravam-na e queriam que ela se tornasse uma verdadeira mulher* [grifo meu]. Chegou a época de casar. Ela não queria, sonhava com outros mundos. Apanhou do pai, viu as lágrimas da mãe. Em luta com tudo, mas com o mesmo ímpeto do irmão, arrumou uma trouxa e fugiu para Londres. Também Judith gostava de teatro. Parou na porta de um, disse que queria trabalhar com os artistas – foi uma risada geral, todos imaginaram logo outra coisa. Como poderia arranjar comida? Nem podia ficar andando pelas ruas. Alguém, um homem, teve pena dela. Em breve ela esperava um filho. Até que, numa noite de inverno, ela se matou. “Quem”, diz Virginia Woolf, “poderá calcular o calor e a violência de um coração de poeta quando preso no corpo de uma mulher? [...]”.⁵⁰

Como sua coluna sugere: as mulheres deveriam ter um diferencial capital cultural. Além de demonstrar como a sociedade tecia julgamentos as mulheres, apenas pelo fato de nascerem mulheres, o que geralmente significava inferioridade, gerando inclusive infelicidade. Ao longo da coluna a autora demonstra o quanto a mulher sofria uma forte pressão social em relação a expectativa do comportamento esperado pelas mulheres. Os escritos traçam a dificuldade em agir

⁵⁰ COMÍCIO. Rio de Janeiro: Comício, 1952.

de maneira alternativa a padrões sociais e que muitas mulheres se veem presas nas atribuições sociais de gêneros.

Indo ao encontro das experiências de Clarice, sua estadia na Europa enquanto casada com Maury, sua dedicação a leituras como escritora, a troca de experiências ao conhecer pessoas de diferentes países fazia com que seu capital cultural só crescesse e fosse dividido com suas “amigas” que precisavam de seus conselhos. Estas colunas eram para mulheres que tinham mais consciência de si e de seu valor, não só o físico, mas especialmente o intelectual.

Clarice almejava mulheres que vençam as imagens sociais importadas, para tanto, repassava diversos meios para suas leitoras do jornal *Comício*. Já escrevendo no *Diário da Noite*, como Ilka Soares suas colunas eram destinadas as mulheres que já eram mães e donas de casa. O primeiro indício desta diferença entre as leitoras esta associada aos temas que eram mais frequentes nestas colunas: os afazeres domésticos. Abaixo segue um exemplo.

Férias... em casa

Todos os dias a gente devia poder tirar umas borinhas de férias. E em casa mesmo. Você tem em seu lar o “lugar ideal”? Aquele no qual você é você mesma, e com todo conforto? Onde você parece estar estirada no paraíso? Quem não tem seu “cantinho” em casa – quase que não tem casa. [grifo meu] Veja essa poltrona. Talvez seja disso que você precisa: de um lugar que acolha bem você. E, se você é casada, seu marido terá esse lugar quando chegar do trabalho: [grifo meu] o lugar onde ele é rei, onde o patrão não manda, onde as intrigas não chegam, onde as preocupações de dinheiro não entram. Um lugar bom para “ser”. O mesmo que, de dia, você tomou para si, como uma rainha. (O seria ter dois lugares perfeitos, pense nisso).⁵¹

Ilka Soares queria que suas amigas leitoras, tivessem o privilégio de preocuparem-se também com elas e não apenas com os seus considerados deveres. Ao mesmo tempo, relendo a coluna, também temos a amiga Ilka Soares, apontando que o marido não seja importunado, que tenha seu momento de paz. A colunista proporciona que a leitora veja que além do marido, ela também tem direito a seus minutos de descanso, independente das questões que envolvam a vida das leitoras.

Clarice já se preocupava em demonstrar a suas leitoras que suas vidas não se restringiam aos desejos dos maridos, suas felicidades não dependiam da satisfação da família. Era permitido que a leitora se cuidasse e tivesse algum lazer que não apenas os prazeres da vida no lar.

O que chama atenção como Ilka Soares é como algumas colunas possuíam um tom mais romântico. Talvez por se reportar para as mulheres casadas que possuíam filhas ela dava conselhos de como se maquiar ou se comportar diante de certos eventos sociais. Era possível

⁵¹ DIÁRIO DA NOITE. Rio de Janeiro: Diário da Noite, 1961.

aqui dividir suas experiências no Itamaraty, como já comentado, sua recepção não foi pacífica exigindo de Clarice um comportamento correspondente a uma dama. Consequentemente a isso, ela poderia dividir com suas leitoras as melhores maneiras de se comportarem em tais eventos.

Sendo amiga de suas leitoras, Ilka Soares se propunha a ajudar as mulheres de classe média a portarem-se e parecerem com mulheres da elite. Tais proposições eram coerentes com a vida de Clarice Lispector, com os eventos que frequentou e de Ilka Soares, que desde muito nova, mantinha sua imagem de mulher bela e elegante.

A coluna de Helen Palmer, provavelmente, era a que mais se assemelhava a um “Manual de Boa Conduta”. Eram inúmeros conselhos de como cuidar da casa, do marido, dos filhos, bem como ficar mais bonita mesmo com todas essas tarefas, informações essas que pareciam ser mais destinadas às mulheres solteiras ou já solteironas que desejavam casar. Considerando a contratação pela “Pond’s”, esse pseudônimo seria o mais preocupado em instruir as leitoras em seu comportamento e em sua aparência. Essas mulheres precisavam ser orientadas sobre as melhores formas de cuidar de suas casas e de sua futura família. Abaixo um exemplo deste tipo de aconselhamento:

A colaboração no lar

As mulheres têm muita influência sobre a vida do marido, especialmente no setor do trabalho. Por trás de todo homem casado que trabalha, está a sombra da esposa. [...]

Que deve você fazer para animar seu marido? Em primeiro lugar, mostrar-lhe por pequeninas coisas, que você tem confiança nele, que espera dele grandes coisas e que ele é seu herói. Faça sua parte, limpando a casa, preparando pratos saborosos e educando as crianças. Ele se sentirá feliz num ambiente sossegado e poderá repousar melhor [grifo meu]. No dia seguinte, estará apto para enfrentar novas lutas e poderá conseguir novas vitórias.⁵²

A coluna vai ajudar as mulheres a entenderem a dinâmica familiar e o que era esperado delas. Entre seus conselhos, a coluna determina qual o papel a mulher deve desempenhar, reforça que insucessos dentro do ambiente de casa são responsabilidade da própria dona de casa, cabendo a ela seguir conselhos e reproduzir ações.

Para atrair mais leitoras e reforçar o tom de suas recomendações, Helen Palmer acentua o tom de conversa íntima em suas propostas e conselhos. É nesse tom que a coluna, durante o tempo em que foi publicada no jornal, prescreveu normas de boa conduta de a dona de casa para as meninas.

⁵² CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 1960.

Em cada edição as colunas reafirmavam o perfil de mulher que suas leitoras deveriam espelhar-se. O que caracterizava este perfil é a classe social que estas mulheres pertenciam. Ao dirigir-se para suas leitoras, nota-se uma despreocupação de Clarice com a situação financeira destas mulheres; não precisavam trabalhar e não dividiam suas casas com parentes. Outro fator que une estas mulheres é a atenção que a colunista atribuía para as questões estéticas e de ordem subjetiva, encomendada pela marca “Pond’s”.

Para Nunes⁵³, por Clarice ter vivido essas situações é que ela, ao escrever, pensava no que suas leitoras gostariam de ler. Dessa maneira, vale pensar o que se tornava atraente para a camada média na década de 1950:

O capitalismo cria a ilusão de que as oportunidades são iguais para todos, a ilusão de que triunfam os melhores, os mais trabalhadores, os mais diligentes, os mais “econômicos”. Mas, com a mercantilização da sociedade, cada um vale o que o mercado diz que vale. [...] No entanto, a situação de partida é *sempre* [grifo do autor] desigual, porque o próprio capitalismo, a própria concorrência, entre empresas e entre homens, recria permanentemente assimetrias entre os homens e as mulheres.⁵⁴

Clarice sabia dessa diferença após o desquite com Maury, as cobranças da sociedade e as necessidades da família. Contudo as colunas assinadas por Clarice eram voltadas a essa realidade, o que importava a suas leitoras era a gerência do lar enquanto o marido provinha a casa.

Para Nunes⁵⁵ Clarice sabia que não era bom fazer parte de um grupo de jornalistas de um periódico desconhecido, mesmo conhecendo a importância dos jornais para os escritores da década de 1950, pois esses precisavam do emprego para sobreviverem; precisavam do emprego para sobreviver e os jornais precisavam de grandes nomes para sobreviverem.

A harmonia e felicidade da casa dependem das mulheres

Como já dito, Clarice Lispector começa suas publicações em colunas femininas em 1950. Neste processo entende-se importante olhar para o tipo de família que se configurava no período para uma análise mais primorosa das propostas de mensagens que as colunas desejavam difundir.

Carla Bassanezi afirma ao falar dos anos de 1950 que valores da modernidade relativos às relações de gênero chegavam timidamente ao Brasil. Para a historiadora:

Na família-modelo dessa época, os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram os responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – e das

⁵³ MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. *Capitalismo tardio e sociabilidade moderna*. 296p.

⁵⁴ MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. *Capitalismo tardio e sociabilidade moderna*, p. 579-580.

⁵⁵ NUNES, Aparecida Maria. *Clarice Jornalista: páginas femininas e outras páginas*. São Paulo: Senac, 2006.

características próprias da feminilidade, como instinto materno, pureza, resignação e doçura.⁵⁶

As mulheres deveriam seguir sua vocação natural, que era a de ser mãe e assim ser feliz⁵⁷, pois desde jovem havia sido criada para atingir esse objetivo de vida. As colunas femininas “trabalhavam” no sentido de incentivar as mulheres a atingirem o modelo ideal de esposa e mãe, assim como o modelo ideal de um lar. Eis o que afirmava Clarice Lispector em relação à noção de lar:

Lar, engenharia de mulher

[...] *Parece que ficou estabelecido, nos princípios da criação, que o homem faria a casa, para dar um lar à mulher. E que a mulher construiria o lar, para dar a casa e o lar ao homem. Sim, porque o homem tinha de levar vantagem, não podia ser por menos. Pois então é isso: casa é arquitetura de homem e lar, essa coisa simples e complexa, evidente e misteriosa, que depende de tudo e não depende de nada, essa coisa sutil, fluidica, envolvente é simplesmente engenharia de mulher.*⁵⁸

A família era um importante espaço onde deveria imperar a harmonia, o carinho e o amor fraternal, filial, etc. As colunas sustentavam que a construção de um lar seria de inteira responsabilidade feminina. Mesmo com argumentos que expunham a complexa tarefa de gerenciar um lar, e de até mesmo, formar um lar, o enfoque estava na responsabilidade feminina, reproduzindo valores a diferentes camadas sociais.

O jornal Diário de Notícias, por exemplo, preconizava que as mulheres seriam mais felizes se fossem somente donas de casa. Abaixo uma fala de Ilka Soares sobre este tema:

O lar e o trabalho

[...]

Muita gente pensa que a maioria das mulheres prefere trabalhar fora a viver em casa, cuidando da comida, roupa e arrumação do lar. No entanto, estatísticas confirmam que a grande maioria das mulheres que trabalha fora preferiria estar em casa, mesmo tendo que tomar todo o encargo de uma casa.

[...]

O trabalho em casa, apesar de não ter horário e nunca ter fim, é mais agradável, pois poderá ser suspenso a qualquer momento, a critério da dona de casa e ela mesma pode organizar seu programa, escolhendo as horas para realizar as tarefas que necessitar.

É verdade que o ponto dos alimentos, a lavagem da roupa e limpeza da casa e o cuidado com as crianças não são das coisas mais agradáveis, são um trabalho penoso, mas nele a mulher põe amor e interesse, pois são coisas suas e ela é diretamente interessante, ao contrário do que ocorre com o trabalho fora do lar.⁵⁹

⁵⁶ BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: BASSANEZI, Carla; DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto: Ed. da Unesp, 2004. p.608-609.

⁵⁷ DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011, 303p.

⁵⁸ COMÍCIO. Rio de Janeiro: Comício, 1952.

⁵⁹ DIÁRIO DA NOITE. Rio de Janeiro: Diário da Noite, 1960.

Em uma fala que exibia a possibilidade de outras formas de trabalho, reforçava o prazer que supostamente, haveria em ser uma dona de casa. Em uma coluna possível de se ler com dois olhares, Clarice criticava o penoso trabalho do lar, elencando todas as árduas tarefas. Porém, no mesmo texto, também lemos a importância de priorizar o trabalho de dona de casa, e considerando a sociedade brasileira no período de publicação, é apenas uma leitura que seria interessante ser interpretada.

O conteúdo destes casos foram exceções ao longo de todos os três jornais. Entendo que o objeto de ação das colunas fora, sobretudo a educação das mulheres de outras camadas sociais para além da elite. Entre os 1940 e 1960 tivemos no Brasil o auge de vendas de manuais de comportamento. O sucesso das colunas femininas pode ser atribuído a este fato. Importante meio para educar tanto das noivas como as solteiras do período.

Ao marido provedor: a tranquilidade

O homem era uma figura coadjuvante dentro do espaço do lar, Bassanezi⁶⁰ afirma que somente nas famílias pobres que as mulheres saiam do lar para trabalhar e auxiliar no sustento. Mary Del Priore⁶¹ complementa ainda se os homens não conseguiam fornecer todo o sustento da família, em função de baixos salários ou de desemprego, chegavam ao extremo de cometer suicídio.

As famílias para que Teresa Quadros, Helen Palmer ou Ilka Soares escreviam, a situação era outra, não havia necessidade do trabalho feminino. Clarice constantemente comentava em suas colunas como as mulheres não deveriam importunar seus maridos com causos diários do lar. Eis uma fala de Helen Palmer:

Uma boa esposa

Ser uma boa esposa não é apenas, como julgam muitas mulheres, ser honesta, econômica e trabalhadora. [...]. *Boa esposa é aquela que torna a vida do lar agradável para o marido, fazendo de sua companhia um refúgio para sua vida de lutas. Se ele chega exausto do trabalho, a boa esposa não lhe azucrina os ouvidos com queixas, fuxicos, ou insignificantes convites para cinema, festas ou reuniões de que ele não gosta* [grifo meu]. [...] O lar de todos nós deve ser o recanto da paz, amor e liberdade com que todos sonhamos. Se as discussões se multiplicam, o azedume e a hostilidade formam o clima comum, e cada gesto, cada palavra, cada ato é recriminado ou policiado, torna-se odioso. *E o homem, como é justo e natural, vai procurar um lar em outra parte. Uma mulher inteligente prende seu marido sem gritos, sem exigências, sem ciúmeiras ridículas. Prende-o pelo prazer que lhe dá a sua companhia* [grifo meu].⁶²

⁶⁰ BASSANEZI, Carla. *Mulheres dos anos dourados*, p.607-639.

⁶¹ DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011 303p.

⁶² CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 1959.

A mulher deveria preservar o homem dos problemas, pois ele já possuía muitos no trabalho. Como provedor natural, não deveria ser importunado com questões do lar, responsabilidade exclusiva da mulher. Com essa divisão, a boa esposa, buscava nas colunas um auxílio no cuidado da casa. Nas publicações dos periódicos, encontrariam respostas para problemas cotidianos possíveis de surgirem dentro de casa. Aos maridos caberia a única preocupação de realizar pequenas tarefas, caso tivessem mais preocupações, as colunas já avisavam, as consequências poderiam ser dramáticas.

Apesar de naturalizar condutas machistas, a coluna já anunciava as consequências de um comportamento considerado inconveniente ao sexo oposto, e apenas a esse. Com isso as colunas reforçavam padrões do período, sua resistência estava em prestar ajuda as mulheres, não oferecendo oportunidade de argumentações simplistas em casos de traições como cansaço ou desinteresse, pois as leitoras das colunas saberiam melhor como lidar com seu cônjuge.

Contudo, não será apenas por esse motivo que os homens traíam suas esposas: Segundo Bassanezi:

Esperava-se que o homem casado se tornasse um responsável *pai de família* [grifo do autor], provedor da casa. As regras sociais eram menos rígidas com relação as suas aventuras eróticas extraconjugais; com o casamento, o homem não perdia na prática, o direito a ter as “liberdades” terminantemente negadas às suas esposas. O argumento principal baseava-se na ideia de que os homens tinham necessidades sexuais diferentes e bem maiores se comparadas com as das mulheres – uma *característica natural* [grifo do autor] masculina.⁶³

São muito poucas as colunas em que Teresa Quadros, Helen Palmer ou Ilka Soares falam diretamente para os maridos e em *nenhuma* coluna abordaram sobre o comportamento ideal do marido. Pelo contrario, as colunas atentam para o fato de que o marido não era “perfeito”.

As mulheres deveriam resolver todos os problemas sem importunar o marido, mantendo-o feliz e dentro do lar. Neste processo as dicas de beleza eram fundamentais, pois quanto melhor mantivesse sua aparência, mais satisfeito e vaidoso o marido ficaria.

Tudo pelos filhos

O cotidiano dos filhos era estabelecido pela mãe, a maternidade era vista como destino natural da mulher. Bassanezi⁶⁴ lembra que além do casamento, a maternidade era ensinada como uma essência da mulher e que ela deveria seguir esse instinto para que pudesse ser feliz. A historiadora afirma o seguinte:

⁶³ BASSANEZI, Carla. *Mulheres dos anos dourados*, p.632.

⁶⁴ BASSANEZI, Carla. *Mulheres dos anos dourados*, p.607-639.

[...] ter filhos fazia parte dos planos dos cônjuges, sem que isso fosse muito questionado. Para a mulher, ser mãe e dedicar-se aos filhos, mais que um direito ou uma alegria, era uma obrigação social, *a sagrada missão feminina* [grifo da autora], da qual dependia não só a continuidade da família, mas o *futuro da nação* [grifo da autora] [...].⁶⁵

Tal desejo natural possibilitava que os homens vissem sua família tendo continuidade. Porém, para cuidar desse bem tão importante da família a mãe não se via sozinha, era auxiliada por um importante grupo de especialistas. Os médicos, pedagogos, psicólogos ditavam os padrões de comportamento que uma criança *normal* deveria esboçar.⁶⁶ Mesmo com o auxílio de tantos profissionais para garantir a saúde da criança, eram as mães que deveriam olhar para não essas não fugissem desse padrão. Helen Palmer afirmava:

Para educar seu filho
Se o seu filho tem alguns desses tiques tão comuns nas crianças – como chupar o dedo, coçar-se, roer as unhas etc. – não use os métodos antiquados e errados do castigo ou ameaça. É necessário antes saber a causa e depois procurar tratá-la, de maneira inteligente, despertando o interesse da criança pelos jogos, esportes. Dando-lhe ocupações diversas e continuadas, consegue-se distraí-la e levá-la aos poucos, a perder o vício, que é sempre um sintoma de que qualquer coisa não está satisfazendo inteiramente a essa criança.⁶⁷

Para não recorrer a todos esses profissionais, as mulheres poderiam obter ajuda nas “amigas” colonistas, que com certeza, as aconselhavam frente qualquer problema que o filho tivesse. As colunas surgem como artifício para distanciar os filhos de comportamentos inaceitáveis a sua estratificação social, os comportamentos dos pequenos refletiam na capacidade da mulher em ser uma boa mãe, e conseqüentemente, uma boa dona de casa. Pressionadas desta forma, as colunas auxiliavam as leitoras a conseguirem educarem seus menores da maneira esperada pela sociedade.

As crianças vão aparecer de duas maneiras diferentes nas colunas de Clarice Lispector. Nas colunas de Helen Palmer, mais preocupada com as donas de casa, elas aparecem sempre como portadoras de um comportamento considerado anormal. Tem-se como exemplo o artigo “Filhas modernas e rebeldes” onde Helen Palmer (1959) discute as reclamações dos pais em relação a suas filhas que eram muito preocupadas com vaidade e, por ventura, andavam com más companhias. Ao longo do texto a colunista dá conselhos sobre a melhor maneira de como

⁶⁵ BASSANEZI, Carla. *Mulheres dos anos dourados*, p.633-634

⁶⁶ DIONÍSIO, Ana Carolina; GIRARDELLO, Gilka Elvira Ponzi. In: AREND, Silvia; PEREIRA, Ivonete; SCHREINER, Davi. (Orgs.) *Infâncias brasileiras: experiências e discursos*. Cascavel: Ed. UNIOESTE, 2009, p.191-211.

⁶⁷ CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 1960.

resolver a situação e ainda alerta que, caso não consiga controlar sua filha, a mãe será culpabilizada.

Em outro caso os filhos aparecem como crianças sem modos e sem vontade de cooperar. Na coluna “Eduque seus filhos” (1960) Helen Palmer dá vários exemplos de pais que educaram mal seus filhos cujo resultado foi um péssimo comportamento e de falta de valores. Clarice recomendava o que deveria realmente ser feito para os que filhos se tornassem um exemplo de bons jovens.

Nos escritos de Ilka Soares, que preparava as moças para o casamento, o número de colunas sobre crianças diminui. Porém, quando estes seres aparecem são adoráveis e exigem atenção e cuidados da mãe. Nas colunas “Explicando para as crianças “amor”” (1960) e “Os primeiros medos” (1961) as subjetividades das crianças eram discutidas por Clarice. Já nas colunas de Teresa Quadros, para mulheres mais modernas, as colunas sobre crianças apresentavam dicas de alimentação e ensinavam como a criança poderia auxiliar a mãe a limpar o lar.

Para falar de filhos e maternidade Clarice Lispector tomou certos cuidados. Para cada tipo de leitora procurou levar as informações sobre a maternidade e o que ela significava em alguns momentos. Como colunista não poderia desanimar as mulheres a terem filhos. Ela sabia que suas leitoras desejavam este “destino” desde meninas. Cabia a ela apenas fermentar essa vontade e assim o fez.

Considerações finais

Com o estudo da imprensa brasileira, especificamente a carioca, demonstrando como as colunas femininas atingiam a sociedade e que público preocupava-se em lê-las, para vir a doutrinar e dar exemplos a outras classes, as quais não tinham acesso às colunas. Neste momento vemos o interesse em aumentar o mercado e uma preocupação e em educar a todos novos comportamentos, havia uma forte intenção em lecionar algumas mulheres para que seus comportamentos fossem reproduzidos, garantindo padrões de comportamentos.

Essa intenção, de maneira indireta reforçava a voz autorizada da imprensa brasileira. Seriam os periódicos os responsáveis em repassar as donas de casa como deveriam se comportar, como deveriam ensinar suas filhas a se comportarem e como as donas de casa deveriam agir com seus maridos, independente do comportamento desses.

Entre conselhos os escritos femininos davam espaço às mulheres, perdidas com a chegada de novas tecnologias, se instruírem de como lidar com as mesmas. As recém donas-de-

casa viam-se amparadas e garantiam que não houve pré-julgamentos quanto a sua competência em gerenciar seu lar. As colunas garantiriam a manutenção dos lares, de qualquer classe.

Ao mesmo tempo, muitas das colunas aqui apresentadas poderiam ser lidas de duas formas, vemos uma autora com intenção de mudança, mas consciente do lugar que conseguiria atingir na sociedade. Relembro a coluna “A irmã de Shakespeare” onde a autora demonstra a dualidade na vida das mulheres, tal coluna é a melhor expressão da opinião da autora quanto ao lugar da mulher na sociedade. Clarice tinha consciente das imposições de gênero, sabia do potencial feminino, mas que a pressão social engessava muito as investidas femininas.

Clarice fez sua parte.